

Comentários e reacções: opinio@diariocoimbra.pt

Opinião

O MAPA NÃO É O TERRITÓRIO



**RICARDO
CORREIA
DE MATOS**
PRESIDENTE
DO CONSELHO
DIRECTIVO DA
SECÇÃO REGIO-
NAL DO CENTRO
DA ORDEM DOS
ENFERMEIROS

A democracia funcionou. O Partido Socialista conquistou a segunda maioria absoluta da sua história e o Partido Social Democrata, dependendo do ângulo de análise, a pior derrota de sempre. O aumento considerável de portugueses que elegeram o programa de António Costa para o futuro de Portugal deve ser motivo de análise e de profunda reflexão por parte de todos os actores políticos.

Não existe uma única realidade. Talvez, o erro capital dos políticos seja assumir, como realidade de todos os portugueses, a sua própria. De forma demasiado frequente, teimamos em acreditar que a forma como vemos a nossa realidade é exactamente igual à do outro. Mas caros amigos, uma coisa é o mapa, outra completamente diferente, é o território. Os resultados de domingo demonstram que existe um país muito diferente do das redes sociais ou dos comentadores televisivos. E o António Costa percebe isto muito bem.

António Costa tem uma oportunidade única e singular. A Europa, durante décadas prisioneira da inflação, aprendeu com a crise financeira que a austeridade apenas semeia revolta e miséria. Focada nos métodos financeiros americanos, a Europa criou o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) e prepara-se para abraçar as teorias de Keynes e elevar o investimento público a salvação nacional. Serão cerca de 16 mil milhões de euros que Portugal receberá para combater a crise e reestruturar o país. Uma oportunidade única para reformar a administração pública e investir na saúde, educação mas principalmente, nas pessoas. Investir nas pessoas é construir o futuro.

A pandemia provou que existe uma correlação positiva entre a eficácia e eficiência dos Sistemas de Saúde e o desenvolvimento socio-económico dos países. Neste sentido, o PRR contempla cerca de 1,4 mil milhões de euros para o Serviço Nacional de Saúde. Obviamente que este valor, analisado de forma isolada, é insuficiente para requalificar os equipamentos de saúde, equilibrar as equipas interdisciplinares e valorizar as carreiras clínicas. Existem reformas de fundo que terão de acontecer para que este investimento se torne efectivo e garante dos melhores resultados em saúde. A governance é, indubitavelmente, a reforma principal e, para a conseguir, o executivo terá de ter a coragem que faltou nas últimas décadas. Não a coragem de impor regras, normas, sistemas ou vontades, mas aquela coragem em nos rodearmos pelos melhores, escolhermos o mérito e a competência em detrimento do facilitismo. Sempre com as pessoas. Sempre ao lado das pessoas.

O poder vem sempre acompanhado por grande responsabilidade. Governar um país e melhorar a vida de milhões de cidadãos é o maior legado de um político. A primeira maioria absoluta do Partido Socialista conduziu-nos à Troika. Quero acreditar que a segunda nos conduza à prosperidade. ◀